

DESTAQUES DO PORTAL A TARDE



Toyota / Divulgação

Toyota convoca recall de Corolla por defeito no cinto
atarde.com.br/autos

Saiba como presentear o seu amor no Dia dos Namorados
moda.atarde.com.br

www.atarde.com.br
71 3340-8991 (Cidadão Repórter)
71 99601-0020 (WhatsApp)

EDITORIAL Parque das Dunas resiste

Com seis milhões de metros quadrados, o Parque das Dunas é um ecossistema vivo que há mais de 20 anos preserva, entre Itapuã e Praias do Flamengo, uma área com lagoas, restinga e dunas, um verdadeiro laboratório ambiental em perímetro urbano de Salvador. Desde a década de 1990, mas principalmente a partir de 2010, a organização não governamental Universidade Livre das Dunas (Unidunas), que cuida do parque, divide o planejamento de preservação e educação com o esforço de resistir contra a destruição do local. A atual ameaça às dunas, a possível construção de uma pista de carga e des-

carga no aeroporto da capital – a 34 metros do limite do parque – pela empresa vencedora do leilão da Infraero, a francesa Vinci Airports, foi a faísca para o início de um movimento de defesa ecológica que

A ameaça às dunas, a possível construção de uma pista no aeroporto, foi a faísca para o início de um movimento de defesa

promete mobilizar a população soteropolitana e, provavelmente, o Brasil.

A causa da luta coordenada pela Unidunas é pertinente e nobre. Teve início na última segunda-feira, 5, no Dia Mundial do Meio Ambiente, sob o slogan “O Parque das Dunas é Nosso”. O chamado à população de Salvador é pleno: salvaguardar um patrimônio natural, um espaço que preserva a biodiversidade, promove educação ambiental, lazer e tem extrema importância climatológica. As dunas, entre tantas funções, retêm tanto a salinidade e umidade como o calor, minimizando assim sérios impactos ambien-

tais à cidade.

Resistir, neste caso, é preservar. A defesa do Parque das Dunas, como salientou o fundador Jorge Santana em recente entrevista ao A TARDE, de forma alguma se posiciona contra o desenvolvimento. O histórico de luta do ecossistema – a quarta área mais preservada do bioma restinga no estado – legitima este cuidado. A resistência é contra um vetor que destrói, com falta de sensibilidade por questões ecológicas, o mesmo vetor que coloca cifras à frente de seres humanos e patrimônios materiais e imateriais de Salvador e da humanidade.

SIMANCA



House of Brasil

José Medrado

Mestre em família pela Ucsal e fundador da Cidade da Luz
medrado@cidadedaluz.com.br

Pois é, ao acompanhar o desenrolar das etapas de todo o jogo de poder e dinheiro que vemos em capítulos à semelhança da série The House of Cards, da Netflix, o Brasil vê desfilarem a sua vergonha nacional, e ser objeto de ridicularização, como recentemente aconteceu no site do The Guardian. Tudo muito lamentável, e o pior: parece que estamos perdendo a força da indignação. Algo letárgico, um talvez... não tenha jeito mesmo, vem se estabelecendo, como aura no nosso país.

Inspirado por um texto atribuído ao ex-ministro da Cultura Marcelo Calero, fico constatando com grande tristeza: apenas um país profundamente esbagado em seus valores vê, em rede nacional, um agora ex-deputado correndo, pateticamente, com uma mala cheia de dinheiro, e poucos com veemência reagem àquela pantomima da corrupção; somente em um país profundamente devastado pela decepção e constatação do comportamento aético, mesmo criminoso, de os seus pretensos líderes, vê um presidente em conluio para crimes, e constata uma legião de defensores lutando de todas as formas para mantê-lo no cargo, pouco se importando com a mensagem que se passa de uma republiqueta ditatorial de ladravazes; só em um país que não se respeita, os seus governantes mentem, mentem... na esperança de fazer valer o princípio do propagandista nazista, Joseph Goebbels, quando afirmava que uma mentira repetida mil vezes se torna uma verdade. E assim vamos assistindo a esta série que bem poderia se chamar House of Brasil.

E tudo isso, infelizmente, faz diagnosticar a profunda enfermidade moral que, purulenta, contamina o sentido de essencialidade cidadã de uma sociedade, em seu maior aspecto. Vê-se a sua cidadania desrespeitada, os seus princípios deteriorando e o sentimento de pertencimento gerando vergonha. Tudo cria uma enorme sensação de impotência. Não podemos deixar de reagir, de ir-signarmos, a fim de que a geração de nossos filhos não desista de viver a grandeza de ideais democráticos, na construção de futuros dirigentes honestos. Caso contrário, tudo só irá piorar, visto que a geração que governará nossa Nação amanhã está sendo formada agora. E como será que está sendo? Aí reside o que o sociólogo Durkheim chamou de fato social, ou seja, um conjunto de formas de agir, de pensar e sentir que gera força de opressão sobre os indivíduos, obrigando-os a aceitar as regras da sociedade onde vivem, pura e simplesmente da forma que é. Em verdade, não se trata de algo imposto, são situações, condutas, normas que estão presentes no seu dia a dia, de tal forma insistentes, que terminam não dando margem a novas escolhas, que fujam ao padrão vigente. Não podemos deixar que isso aconteça. Este país não pode continuar assim.

Campeões de desmatamento

Angelo Serpa

Professor titular da Ufba e pesquisador do CNPq
angserpa@ufba.br

Foram divulgados novos dados – relativos aos anos 2015 e 2016 – do Atlas da Mata Atlântica pela Fundação SOS Mata Atlântica e pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe): nos últimos dois anos, foram desmatados 29.075 hectares (ha), ou 290 km², um aumento de 57,7% em relação ao período 2014-2015 (18.433 ha). Especialistas alertam que há uma década não se registrava um desmatamento de tal magnitude, o que indica um grande retrocesso nas políticas ambientais no país.

A Bahia foi o estado que liderou o ranking do desmatamento do bioma mata atlântica, com uma supressão de 12.288 ha. Há exatamente dois anos, 17 secretários de meio ambiente, dos estados que compõem o bioma, assinaram compromisso de zerar o desmatamento ilegal até

2018, mas apenas cinco vêm cumprindo o acordo, levando-se em conta áreas desmatadas de florestas, mangues e restingas: Rio Grande do Norte, Alagoas, Paraíba, Pernambuco e Rio de Janeiro.

Em Salvador, os dados não são muito atuais, mas há fortes evidências de supressão continuada de mata atlântica na última década, como no entorno da Avenida Paralela, com a implantação de projetos imobiliários de grande impacto ambiental. Um levantamento realizado desde 2010 e apresentado em 2013, pelo Ministério Público da Bahia, mostra que, excluindo-se as Unidades de Conservação de proteção integral, Salvador contava então com 22.504.495,11 m² de mata atlântica em estágio inicial de regeneração, de 29.503.103,86 m² em estágio médio e 484.354,14 m² em estágio avançado, um total de 52.491.953,12 m², ou seja, 16,9% da área total do município.

Em um município que sequer possui dados atualizados relativos à área coberta pelo bioma, o que será efetivamente feito para que Salvador se torne “Capital da

Mata Atlântica”? Este objetivo é colocado como uma das “principais entregas” do eixo “Cidade Sustentável” que compõe o Programa Salvador 360, recentemente lançado pela prefeitura. O programa é apresentado como o “maior da história da cidade” e quer atrair investimentos da ordem de R\$ 1,7 bilhão nos próximos anos.

Considerado audacioso pela própria prefeitura municipal, o projeto “Capital da Mata Atlântica” prevê a realização de intervenções em quatro a oito parques do município, com foco na preservação e se espelhando na recente requalificação do Parque da Cidade. A iniciativa é louvável, mas espera-se que a sociedade possa interferir no projeto, através de sua participação nos conselhos municipais e gestores dos parques. Obviamente, para que isso ocorra, deverá ser informada com dados mais atuais e precisos sobre o bioma mata atlântica na cidade, dever de casa que os governos estadual e municipal ainda estão devendo à população soteropolitana.